

ARQUIVO, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: A REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG E OS PERIÓDICOS ARTÍSTICOS NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970

Enio Luiz de Carvalho Biaggi¹

RESUMO: A *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG* foi um periódico realizado por alunos e para alunos da instituição, cuja publicação contou com apoio direto da reitoria da universidade, entre os anos de 1966 a 1996. Enquanto veículo de circulação de textos e ideias, sua maior importância para a cultura mineira consiste no fato de que, além de revelar grandes escritores, como Sérgio Sant'Anna, Wander Piroli, Adão Ventura, Humberto Werneck e Jaime Prado Gouveia, a *RL* serviu de mecanismo de resistência cultural no combate à ditadura militar na época do Estado de exceção. A proposta deste estudo é, portanto, apresentar a importância desse acervo para a memória da cultura e da sociedade mineira.

PALAVRAS-CHAVE: *Revista Literária*; Memória; Discentes; Periódicos.

ABSTRACT: The *Revista Literária do Corpos Discente da UFMG* was a periodical whose done by students and for students of the institution, whose publication had direct support from the university rectory, between the years 1966 to 1996. While circulation of vehicle texts and ideas, their utmost importance for the mining culture consists in the fact that, apart from showing great writers, like Sérgio Sant'Anna, Wander Piroli, Adão Ventura, Humberto Werneck and Jaime Prado Gouveia, the *RL* served as cultural resistance mechanism in the fight against military dictatorship at the time of the state of exception. This study is therefore to present the importance of this collection to the memory of culture and mining company.

KEYWORDS: *Revista Literária*; Memory; Students; Journals.

O período que antecede o Estado de Exceção (anos de 1960 e 1970), também conhecido como “os anos de chumbo”, foram muito significativos, em termos culturais, para o cenário nacional. Época de grande efervescência no âmbito cultural, devido aos acontecimentos políticos, econômicos e sociais que pairavam sobre o Brasil naquele momento, vimos surgir diversos movimentos e periódicos que objetivavam divulgar textos, ideias e obras artístico-literárias produzidas pelos intelectuais e artistas que queriam contribuir ideologicamente para o cenário. Como exemplo de movimentos que emergiram nessa época podemos destacar o Tropicalismo, o Cinema Novo e as Bienais Nacionais na Bahia.

O final dos anos 60 e início dos 70 assiste ao nascimento e à morte de um grande número de periódicos culturais — a *Revista Civilização Brasileira* talvez seja um dos mais importantes — mas, assiste, também, ao que talvez tenha sido o fenômeno cultural mais interessante do período. Trata-se do surgimento da chamada “imprensa alternativa”, ou “nanica”, em que tablóides de orientações ideológicas diversas dentro do amplo espectro da esquerda — cito o *Pasquim*, *Opinião*, *Movimento*, *Beijo*, *Ex* — concentram

¹ Doutor em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (Poslit) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: eniobiaggi.adv@gmail.com

boa parte dos textos culturais e literários, ou melhor, da produção/produtores numa cultura que se queria “de resistência”. Paradoxalmente, apesar dos ataques da censura prévia e até por causa deles, tais periódicos alcançaram notoriedade, grandes tiragens e público fiel, ao menos enquanto durou o regime de exceção, e sucumbiram não tanto à censura, mas ao efeito devastador das novas realidades mercadológicas que se impõem a partir do final dos anos 60. (CAMARGO, 2008, p. 2).

Os periódicos artísticos, devido a seu caráter de vanguarda, de efemeridade e de transitoriedade, além do fato de ser autônoma, portanto, desprovida de regulação e investimentos provenientes do meio editorial, exerceram papel importante nesse cenário. Artistas e intelectuais se encontravam para discutir as questões políticas e sociais da época e, conseqüentemente, organizavam-se em grupos, nos bares, bibliotecas e eventos culturais, além das universidades, propondo e desenvolvendo suportes midiáticos dos quais pudessem se utilizar para fazer circular textos e ideias. A proposta deste trabalho é mapear alguns desses veículos e movimentos artístico-culturais dos anos de 1960 e 1970, trazendo à tona sua importância e contribuição para a formação da identidade cultural brasileira.

A revista *Inéditos*, lançada em 1976, publicava textos poéticos, contos, ensaios sobre cinema, entrevistas, artigos. Entre os autores que tiveram seus textos nela publicados, podemos destacar o poeta e teórico mexicano Octavio Paz, Léa Nilce Mesquita, Moacyr Scliar, Sérgio Sant’Anna², Duílio Gomes, Luiz Vilela, Helvécio Ratton, Eneida Maria de Souza e Sônia Queiroz. Pelo seu conselho editorial passaram autores ilustres como Wander Piroli, Affonso Romano de Sant’Anna, Silviano Santiago, Murilo Rubião, Roberto Drummond, Henry Corrêa de Araújo e Jaime Prado Gouvêa.

Foi também nesse mesmo período, mais especificamente em 1976, que nasceu, no Rio de Janeiro, *José*, uma revista de literatura, traduções, crítica, arquitetura, artes plásticas e teatro, que editou textos de autores como Dirce Côrtes Riedel, Sebastião Uchoa Leite e Jorge Wanderley. Além dessas, também tivemos, no Brasil, importantes revistas como a carioca *Ficção* (especializada em conto, surgida em 1966 e que só retornou apenas dez anos mais tarde, em 1976, sendo editada até 1979); em São Paulo, tivemos a *Escrita*, que circulou entre os anos de 1975 e 1989; e, fora do eixo editorial da região Sudeste, tivemos a cearense *O sacco*, publicada entre 1976 e 1977.

Essa última revista, conforme nos ensina Nelson de Oliveira, apresentava-se

² No conto publicado na *RL*, o escritor Sérgio Sant’Anna assinou como “Sérgio Sant’Anna e Silva”. Posteriormente, em busca de um nome artístico mais simplificado que o identificasse, passou a assinar seus textos apenas como “Sérgio Sant’Anna”, suprimindo seu último nome.

na forma de um saco que funcionava como capa e contracapa. Ou, na definição de Jackson Sampaio, como um "cordel das bancas urbanas". No interior havia quatro cadernos separados: Prosa (com contos, capítulos de romances e de novelas), Verso (o nome já diz tudo), Imagem (espaço destinado aos artistas plásticos) e Anexo (com o editorial, as entrevistas e reportagens). (OLIVEIRA, 2003, p. 69).

Em seu artigo “*Escrita, José, Almanaque: leituras de romance*”, Maria Lucia de Barros Camargo justifica a explosão de periódicos e a indústria cultural ocorrida na década de 1970, época conhecida genericamente como “imprensa alternativa”:

a década de 70 tem sido apontada, paradoxalmente, como um período de vácuo cultural, de “gavetas vazias”, e de *boom* literário. Vácuo nas universidades com os expurgos decorrentes da aplicação do AI-5, mas grande produtividade intelectual que irá tornar-se bastante visível a partir da segunda metade da década. Década em que a censura exercia seu poder de interdição, ao mesmo tempo em que os meios de comunicação de massa e a indústria editorial se expandiam e se consolidavam. [...] De um modo geral, os anos 70, longe de ser um período de vazio, foi uma década de bastante produtividade, e fertilizada, ao menos em parte, pela própria atuação da máquina repressora. (CAMARGO, 2008, p. 12).

Claudiner Buzinaro, em sua tese de doutorado, intitulada *Revista do Livro, porta-voz do Instituto Nacional do Livro (INL): análise e indexação de um periódico do século XX*, explica o *boom* das revistas literárias nos anos 1950, dizendo que, nessa época, a intelectualidade brasileira, fortemente influenciada pelas ideias europeias, revolucionaria o cenário político e cultural do Brasil. (Cf. BUZINARO, 2006, p. 9.) Ainda segundo ele, a imprensa, nesse momento de intenso avanço técnico, serviu como divulgadora desses ideais, fazendo surgir, em todo o país, periódicos das mais diversas tendências, dentre eles as revistas literárias, forte veículo cultural “que proporcionam uma rica fonte para pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento.” (BUZINARO, 2006, p. 9.)

Da mesma forma que Buzinaro, Elizabeth Lorenzotti explica a explosão dos periódicos artístico-culturais como os suplementos jornalísticos, a partir do contexto histórico da época. Para ela, na década de 1950, no Brasil, devido ao surgimento de novas técnicas de produção e de administração, a notícia foi priorizada em detrimento da opinião. Juntamente a isso, o perfil dos jornalistas também se modificava através do recrutamento de profissionais provenientes das universidades, formados em ciências humanas. Por esse motivo, surgiu, em praticamente todos os jornais da chamada grande imprensa, os suplementos literários. (LORENZOTTI, 2007, p. 57.)

Segundo Flora Süssekind (*apud* Elizabeth Lorenzotti), as décadas de 1960 e 1970 são os anos universitários para os estudos literários, reduzindo-se “o espaço jornalístico para os críticos e há um confinamento ao *campus*.” (LORENZOTTI, 2007, p. 60). Ainda segundo ela, os anos de 1940 e 1950 foram marcados pela “crítica de rodapé”, exercida por bacharéis não-especializados e sem rigor conceitual – herança do século XIX – no canto inferior da página. (Cf. LORENZOTTI, 2007, p. 59). Nessa época, houve um duelo entre críticos-cronistas e críticos-professores, apontando vitória parcial destes. Enquanto os antigos “homens de letras”, autodidatas, defendiam o impressionismo, os críticos formados pelas faculdades do Rio de Janeiro e de São Paulo almejavam a especialização e a pesquisa acadêmica. Contudo, em meados da década de 1960, jornalistas atribuíram à produção crítica acadêmica características inatas a um oponente, taxando-a como um jargão incompreensível ao chamado leitor médio. Como exemplo, ela cita o caso do jornalista Cláudio Abramo, do jornal *O Estado de S. Paulo*, que, mesmo sendo amigo dos críticos que escreviam no *Suplemento Literário*, criticava o academicismo e a universidade. Segundo Lorenzotti, havia certo ressentimento no que diz respeito às pessoas que não cursaram a universidade.

Além disso, os anos cinquenta viram surgir várias revistas nas instituições universitárias, como a *Anhembi*, a *Revista Brasiliense*, a *Revista Brasileira de Estudos Políticos* e a *Revista de História*. (Cf. MOTA, 1977, p. 174). No entanto, esses periódicos possuíam cunho acadêmico, e não artístico-literário, voltados para a publicação de ensaios e artigos científicos.

Em Minas Gerais, tivemos dois importantes periódicos que serviriam com veículo que exerciam esse mesmo papel divulgador e incentivador de textos e ideias de jovens poetas e escritores: a *Revista Literária do Corpus Discente da UFMG (RL)*, o qual abordaremos mais especificamente na seção seguinte, e o *Suplemento Literário do Minas Gerais*. É inegável o diálogo estabelecido entre esses dois periódicos, uma vez que vários escritores que publicaram na *RL* também publicaram (e ainda publicam) no *Suplemento Literário* ou dele participam como membros da comissão editorial, como o escritor Jaime Prado Gouvêa, seu atual diretor.

O *Suplemento* surge num momento político em que Minas Gerais reage ao golpe de 64 e os grupos progressistas conseguem eleger, com maioria esmagadora, o governador Israel Pinheiro, derrotando o candidato dos militares. Nessa época, o AI-5 não tinha sido editado e ainda estava em vigência uma série de prerrogativas constitucionais anteriores. Com isso, Israel Pinheiro, que era um homem muito aberto e inteligente, mas de

temperamento um pouco explosivo, apoiou a ideia de se fazer um suplemento voltado para a divulgação da cultura em Minas.³

Marília Andrés Ribeiro, em seu livro *Neovanguardas: Belo Horizonte – anos 60*, aponta a abertura da Livraria do Estudante, em 1966, como um local de “aglutinação de intelectuais, poetas e artistas da nova vanguarda da capital mineira. A livraria não só divulgava a produção dos jovens poetas e intelectuais da cidade, como também promovia exposições dos novos artistas na sua galeria de arte.” (RIBEIRO, 1997, p. 138).

Ao lado das bibliotecas e academias, as livrarias são importantes espaços de divulgação da cultura por promoverem eventos artísticos, como oficinas e cafés filosóficos, ou por serem utilizadas como local de ponto de encontro entre intelectuais e escritores, como ocorre nos lançamentos de livros. A título de ilustração, podemos citar a centenária Livraria Garnier, localizada no Rio de Janeiro, responsável pela divulgação da obra de Machado de Assis; a Pioneira, em São Paulo, frequentada por Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, e a José Olympio, no Rio de Janeiro, funcionando como ponto de encontro de intelectuais e como editora.

Nos dias atuais, em Belo Horizonte, a livraria Quixote também desempenha esse papel. Nas livrarias antigas, o espaço físico diferia do perfil das livrarias atuais. Antigamente, elas possuíam tipografias, funcionavam como editoras e vendiam, além de livros e artigos de papelaria, vinhos, licores e charutos. Hoje, os eventos artísticos promovidos pelas livrarias contemporâneas também diferem dos realizados naquele momento, quando eram organizados cafés filosóficos e eventos artístico-literários, cujas atividades atraíam intelectuais. Algumas possuíam sala de chá, espaço destinado a reunir artistas e pensadores importantes, como a Livraria Jaraguá, criada em 1942 pela família Mesquita, fundadora do jornal *O Estado de S. Paulo*, bastante frequentada por Tarsila do Amaral, Flávio de Carvalho, Anita Malfatti e Caio Prado Júnior.

A livraria e papelaria Brasiliense, fundada em São Paulo, em 1943, por Monteiro Lobato, Caio Prado Júnior, Hermes Lima Arthur Neves e Leandro Dupré, serviu de palco para diversas manifestações político-sociais na década de 1970, como comícios e debates. Dentre seus frequentadores, podemos citar Luís Inácio Lula da Silva e Eduardo Suplicy, dois dos responsáveis pela criação do Partido dos Trabalhadores (PT). Deve-se mencionar, também, a

³ Depoimento de Affonso Ávila a Marília Andrés Ribeiro, BH, 22 de março de 1994 *apud* RIBEIRO, *Neovanguardas*, p. 136.

Livraria Parthenon, atualmente denominada Veredas, criada pelos bibliófilos Cláudio Blum e José Mindlin, que possuía perfil de biblioteca pública por abrigar e comercializar livros raros.⁴ A tendência atual, entretanto, é a de que livrarias cada vez mais se transformem em *megastores*, equipadas com ambientes de entretenimento como cybercafés e brinquedotecas, comercializando, além de livros, produtos eletrônicos e suprimentos de informática com pedidos realizados pela internet.

Na divulgação da cultura local, também é inegável o papel desempenhado pelas revistas literárias. Apenas para ilustrar essa afirmação, será citado o caso da revista literária norte-americana *New York Review of Books*. Em abril de 2013, foi publicado um artigo sobre sua história e importância no caderno “Prosa e verso”, do jornal *O Globo*. Conforme o artigo, a criação do periódico se deu em consequência de uma greve geral na imprensa local, iniciada em dezembro de 1962. Esse movimento de manifestação dos trabalhadores envolvidos com os veículos de imprensa interrompeu a circulação dos principais jornais de Nova York.

O movimento começou com os tipógrafos, ganhou a adesão de 17 mil trabalhadores (de jornalistas a ascensoristas) e se estendeu por 114 dias. A pausa forçada teve efeitos colaterais. Foi nessa época, por exemplo, que os jovens repórteres Gay Talese e Tom Wolfe, livres das obrigações diárias, encontraram tempo para fazer longas e elaboradas reportagens que marcariam a era de ouro do jornalismo literário uma das mais respeitadas publicações literárias do mundo, a *New York Review of Books*.⁵

Naquele momento (década de 1960), a ausência de textos sobre literatura na imprensa americana, que circulavam principalmente por meio de jornais e suplementos literários, levou ao surgimento da revista, instituída com o propósito de refletir sobre a produção literária e atribuir publicidade a editoras. Formada por intelectuais que dispunham de pouco recurso financeiro, porém otimistas com o mercado editorial por acreditar que atrairia altos investimentos, a revista publicou textos de intelectuais hoje consagrados, como Hannah Arendt, Vladimir Nabokov, Elizabeth Bishop e Edmund Wilson.

Outro importante meio de divulgação do conhecimento se dá por meio dos eventos artístico-culturais, como os festivais. Em 1967, foi instituído o I Festival de Inverno da UFMG, na cidade de Ouro Preto, caracterizado por apresentar um “grande avanço na extensão

⁴ Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/uma-breve-historia-das-livrarias-paulistanas/>>. Acesso em 24 abr. 2013.

⁵ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/03/30/a-arte-de-editar-491589.asp>>. Acesso em 8 abr. 2013.

universitária, à medida que visava uma dinamização da cultura artística em outras cidades de Minas.”

O Festival de Inverno nasceu do sonho de um grupo de artistas e intelectuais que vislumbraram a criação de um espaço voltado para a produção e a reflexão sobre as manifestações artísticas. Propunha a realização de cursos intensivos para estudantes de arte, e cursos de aperfeiçoamento para professores e profissionais da área, a organização de manifestações artístico-culturais, o estabelecimento de intercâmbio entre alunos e professores do Brasil e de outros países, e o incremento do turismo cultural. (RIBEIRO, 1997, p. 138).

O Festival de Inverno, entretanto, não foi o único meio de incentivo cultural promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais. Conforme retratou Marília A. Ribeiro, na universidade ocorreram “os salões de arte mais representativos da cidade: os salões da Cultura Francesa, [...] e os salões de arte universitária [...]” (RIBEIRO, 1997, p. 140).

Segundo o depoimento de Celma Alvim à autora de *Neovanguardas: Belo Horizonte – anos 60*, “a efervescência artística se deu na UFMG não só pelo apoio do reitor à minha [Celma Alvim] coordenação [Coordenadoria de Extensão da UFMG], mas também porque o Museu da Pampulha estava em reforma e o Palácio das Artes ainda não tinha sido inaugurado”. (RIBEIRO, 1997, p. 141). O incentivo que a universidade dava a esses escritores foi, portanto, fundamental para a divulgação de seus trabalhos, promovendo e valorizando a cultura local ao permitir a realização de eventos em suas dependências.

Atualmente, as revistas literárias alteraram bastante sua estrutura. Na visão de Nelson de Oliveira, elas se restringem, basicamente, à tarefa de criticar e avaliar a produção poética e ficcional contemporâneas. Ainda segundo ele, os atuais periódicos destinados à literatura possuem modelo clássico, com espaço destinado ao texto ficcional/poético muito inferior se comparado à seção destinada a textos de cunho crítico-ensaístico. (OLIVEIRA, 2003, p. 65). Esse é o perfil de editoração adotado, por exemplo, pelas revistas *Bravo!* e *Cult*, dois grandes periódicos da atualidade.

Além de estimular a reflexão e os debates acerca de textos literários, essas revistas estão comprometidas, sobretudo, com o mercado editorial, visando ao lucro com a venda de livros e revistas. Exemplo disso é fato de estarem, na imprensa, vinculadas a editoras comerciais. Através dos textos que veiculam, essas revistas buscam estimular a venda de livros recém-publicados ou reeditados. O fato de estarem ligadas a grandes empresas dos meios de comunicação justifica sua longa duração no mercado editorial.

A Revista Literária do Corpos Discente da UFMG e sua importância para a cultura artística mineira

A *Revista Literária do Corpos Discente da UFMG (RL)*, única do gênero encontrada na realização desta pesquisa, foi criada a exemplo da *Revista Kriterion*, periódico da Faculdade de Filosofia que, desde 1947, divulga ensaios do corpo docente.

Ao longo de sua existência (1966 a 1996), o concurso da *RL* recebeu 2.348 contos e 11.426 poemas. Foram, ao todo, 13.761 trabalhos de 3.507 estudantes da UFMG. Essas informações, que diziam respeito à quantidade de textos submetidos à apreciação da comissão editorial da revista eram publicadas sob a forma de quadro na seção “Resenha”, presente no final de cada edição.

A importância do periódico para a cultura mineira se deve, primeiramente, ao incentivo artístico a que se propunha, com concursos literários nos gêneros conto e poesia e, em seguida, com concursos de ensaios e de ilustrações, este último destinado, sobretudo, aos alunos do curso de Belas Artes da UFMG; em segundo lugar, por ter sido uma das únicas publicações brasileiras voltadas exclusivamente à produção literária do estudante; e, por último, por contar com a participação de autores consagrados na literatura brasileira e por ter revelado uma nova geração de importantes escritores⁶ como Luiz Vilela, Sérgio Sant’Anna, Luís Gonzaga Vieira, Henry Corrêa de Araújo, Danilo Gomes, Ronald Claver Camargo, José Márcio Penido, Adão Ventura Ferreira Reis, Walden Camilo de Carvalho, Duílio Gomes e outros que detêm fama nacional como Humberto Werneck, Jaime Prado Gouvêa, Elias José e Luiz Fernando Emediato.

Revelou, também, professores e pesquisadores atualmente consagrados, como Lúcia Castello Branco, Lauro Belchior Mendes, Vera Lúcia Andrade, Wander Miranda, Luís Alberto Ferreira Brandão Santos, Sônia Maria de Melo Queiroz, Leda Maria Martins, Ruth Silviano Brandão, Luiz Cláudio Vieira de Oliveira e Maria Esther Maciel.

A *RL* foi criada por três alunos da universidade – Plínio Carneiro, jornalista, assessor do reitor Aluísio Pimenta, era aluno de Sociologia; Luís Gonzaga Vieira, acadêmico em Letras; e Luiz Vilela, estudante de Filosofia. Com sua primeira edição publicada em

⁶ Humberto Werneck, José Márcio Penido, Sérgio Sant’Anna, Jaime Prado Gouvêa, Duílio Gomes são apenas alguns dos escritores que, na década de 1960, faziam parte do grupo que ficou conhecido como “Geração suplemento”, por sua participação no *Suplemento Literário* do Minas Gerais.

novembro de 1966, o periódico possuía cunho artístico e científico e foi, nestes trinta anos de publicação, patrocinada pela Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).⁷

Estruturalmente, o periódico se subdividia em duas partes: na primeira, apresentavam-se os textos literários – contos, crônicas e poemas – premiados nos concursos, seguidos dos trabalhos classificados como menção honrosa; na segunda seção, eram publicados os ensaios, contos e poemas de ex-alunos e professores da UFMG, além da inserção, a partir da décima edição da revista, dos textos imagéticos vencedores do concurso de ilustrações.

Os textos pictóricos eram dispostos entre os textos verbais, relacionando-se com eles numa relação transtextual, propondo, assim, (re) leituras do texto verbal. A cor vermelha da capa foi substituída pela cor azul logo que a revista se desvinculou da Reitoria e passou a ser editada pela Faculdade de Letras, a partir da edição número 20, referente ao ano de 1988, publicada três anos após a edição anterior, de 1985. No entanto, após essa mudança de gestão, as diagramações interna e externa do periódico permaneceram inalteradas. Apesar da mudança nas cores, bem como o desenho da capa, o visual da folha de rosto, as divisões das seções internas da revista, as publicações recebidas pela revista e as disposições das resenhas e cartas no final de cada edição não se alteraram.

⁷ A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a maior universidade do estado, é considerada uma das melhores do Brasil. Em 1927, a Faculdade de Direito, primeira faculdade da instituição, criada em 1892, fundiu-se à Faculdade de Odontologia, à Faculdade de Medicina e à Escola de Engenharia, formando a Universidade de Minas Gerais (UMG), que, apesar de subsidiada pelo Estado, possuía caráter privado. No entanto, mesmo após sua federalização, ocorrida em 1949, o nome Universidade Federal de Minas Gerais só foi adotado oficialmente pela instituição em 1965.



FIGURA 1 Capa da *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais (RL)*. Belo Horizonte, 1985-1989.

Editada na Imprensa Universitária da UFMG, a *RL* possuía 23x15,5cm fechada e 23x33cm aberta, capa impressa em 3x0 cores (preto, vermelho cassino e azul turquesa nas edições de números 1 a 19) e 2x0 cores (tintas prata luxo e azul turquesa nas edições de números 20 a 26) e miolo impresso em papel offset 90g, costurado e colado. Como toda revista literária dessa época, os recursos de edição eram ainda precários. As capas, sem muita sofisticação, eram reduzidas a um grafismo simples, próprio da estética do momento. Com a marca da UFMG na capa, a partir do primeiro número, e uma coruja pousando sobre o L da sigla, o periódico imprimiria uma tradição às revistas da universidade, que até hoje primam pela divulgação de trabalhos da comunidade acadêmica.

Apesar de todas as dificuldades, a *RL* alcançou âmbito internacional. Podemos perceber sua importância e amplitude através dos trechos de textos publicados na seção *Cartas*, incorporada à revista a partir de sua terceira edição, que traz comentários, elogios e críticas de professores, escritores, jornalistas, artistas e pesquisadores renomados, como Saulo

Laranjeira, Oswaldo França Júnior e Nelly Novaes Coelho; publicações que veiculavam em jornais como *Estado de Minas*, *Suplemento Literário do Minas Gerais*, *O Diário* (Ribeirão Preto – SP); e até um trecho da carta de Xu Yixing, subdiretora do Departamento de Português da Shanghai International Studies University, localizado em Shangai, na China.

Considerações finais

O principal propósito deste trabalho foi o de mapear alguns dos mais importantes periódicos literários brasileiros que circularam no final do século XX, bem como o de apresentar um periódico que se encontrava abandonado, esquecido nas prateleiras das bibliotecas, que é a *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG*. Não menos importante que os demais veículos de comunicação, o periódico sucumbiu nos anos de 1990, deixando um importante e vasto legado de textos artístico-literários, que contribuíram efetivamente para a formação da identidade e da cultura mineira.

Para a realização e concretização desse estudo, foi necessário contextualizar o periódico historicamente. A reconstituição da trajetória da *RL* foi uma verdadeira atividade de anamnese, a história de uma geração de pessoas que ajudou a fundá-la e a mantê-la, provavelmente num dos primeiros momentos em que aqueles estudantes universitários eram reconhecidos enquanto intelectuais.

É inegável a valorização dos currículos dos cursos e de profissionais a partir da quantidade e qualidade de publicações que promovem. No entanto, as instituições acadêmicas, de forma geral, oferecem poucos suportes, quando existentes, visando a dar publicidade aos trabalhos realizados pelos discentes. Mesmo em revistas de natureza acadêmica, muitas vezes se faz necessário que alunos insiram nomes de professores nos textos para receberem pareceres favoráveis à sua publicação. Por essas razões, a *RL* foi importante instrumento comunicacional, por ter atribuído voz aos discentes. Assim, os estudantes, por disporem de pouco espaço para divulgar suas ideias, resolveram se organizar e fundar o periódico.

O fato de ter sido a única do gênero (revista de cunho artístico-literário organizada exclusivamente por estudantes de uma instituição de ensino para publicar seus próprios trabalhos, contendo concurso artístico, comissão julgadora e premiações para os vencedores, apoiados pela Reitoria da própria universidade) serviu como espécie de incentivo para que

pudéssemos refletir, criticamente, acerca da posição que ocupam professor e aluno no meio acadêmico. Como orientação para essa discussão, surgiram algumas indagações, como “Qual é o papel exercido por um discente numa universidade?”, “Quais são as prerrogativas dos docentes e dos discentes?” e “Quantos veículos comunicacionais são disponibilizados pela instituição de ensino para dar voz aos estudantes, objetivando a propagação de suas ideias?”. Porém essas reflexões deverão ser objeto de novo estudo a ser realizado em momento oportuno.

REFERÊNCIAS

- BUZINARO, Claudiner Assis. *Revista do livro, porta voz do INL: memória e indexação de um periódico do século XX*. (Tese: Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.
- CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Escrita, José, Almanaque: leituras de romance*. Disponível em: <[http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim de Pesquisa2/texto_mlucia.htm](http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa2/texto_mlucia.htm)> Acesso em: 23 ago. 2008.
- CAMARGO, Maria Lúcia. *Não há sol que sempre dure – revistas literárias brasileiras: anos 70*. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim de Pesquisa3/texto_mlucia.htm> Acesso em: 31 mai. 2008.
- LORENZOTTI, Elizabeth. *Suplemento literário – que falta ele faz!* São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1977.
- OLIVEIRA, Nelson de. Ascensão e queda das revistas literárias. In: _____. *Verdades provisórias*. São Paulo: Escrituras, 2003. p. 65-73.
- RIBEIRO, Marília Andrés. *Neovanguardas: Belo Horizonte – anos 60*. Belo Horizonte: C/Arte, 1997.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais (RL)*. Belo Horizonte: UFMG, 1966-1996.

Artigo recebido em abril de 2015.
Artigo aceito em junho de 2015.